

A FUNÇÃO MEDIADORA DAS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS PARA OS QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP); Líder do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa; Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS); e-mail: <valbari@gmail.com>.



**Mediação de
Leitura,
Adaptação
Literária em
Quadrinhos,
Formação do
Leitor.**

Resumo: Analisa a função mediadora das adaptações literárias para a linguagem das histórias em quadrinhos na formação do leitor. Concentra-se no letramento e apropriação dos conteúdos das obras produzidas nas Escolas de Literatura do séc. XIX: Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Realismo e Pré-modernismo. Discute sobre a questão da adaptação literária como gênero produzido por um setor editorial voltado para o leitor novato, mediante o estudo de caso da Coleção *Clássicos em HQ*, publicada no Brasil pela Editora Peirópolis. Busca, como conteúdo complementar, um rápido diagnóstico para o *status* do texto quadrinhístico, quando qualificado como adaptação, versão, releitura ou recriação literária, verificando até que ponto houve uma tradução do mesmo para a linguagem visual-verbal, típica da semiologia das Histórias em Quadrinhos.

The mediating function of literary comics adaptation in the reading proficiency

**Reading
Mediation,
Literary
Adaptation –
Comics,
Reading
Proficiency**

Abstract: Analysis of the mediating role of comics in the development of literary reading proficiency, in the training situation of the reader and ownership of the contents of the works produced in the Schools of Literature developed in 20th century: Romanticism, Parnassianism, Symbolism, Realism, Modernism. Discusses the issue of adaptations as literary genre produced by a publishing industry for the novice reader, through the case study of the collection *Clássicos em HQ*, published in Brazil by Peirópolis Publisher. Search as add-on content, rapid diagnosis for comic text *status*, when qualified as adaptation, version, retelling or literary recreation, verifying the extent to which there was a translation of it for visual-verbal language, typical of the semiology of comics.



A adaptação literária em quadrinhos consiste na versão, releitura ou recriação literária, utilizando parcialmente a tradução da obra inspiradora, com apropriação de conteúdos, enredos, discursos, informações, para a conversão ao código visual-verbal que a caracteriza. Ou seja, o novo formato de apresentação do texto-fonte se define como uma narrativa sequencial de matriz visual-verbal, na qual não se pode separar o texto escrito e imagem na produção de sentido. Sua produção se vincula aos hábitos leitores e sua intencionalidade se refere à criação de uma narrativa sequencial com linguagem de matriz visual-verbal que promova a apropriação do conteúdo de uma obra literária anteriormente publicada. Nesse artigo, discutiremos o potencial mediador das referidas adaptações, ou seja, a qualificação das mesmas como bem culturais nas ações disseminadoras, recurso nas práticas didático-pedagógicas e compartilhamentos cotidianos que levam à formação do leitor.

Quais seriam as motivações intrínsecas e extrínsecas para a utilização da linguagem dos quadrinhos como recurso de adaptação, se as chamadas obras clássicas já detém um capital intelectual que garante sua circulação, leitura, apropriação de conteúdos e mesmo a exploração e suas propriedades linguísticas pelas práticas sociais e pedagógicas da formação do leitor? Segundo Chartier:

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor (CHARTIER, 2001, p. 17).

Ao verificar as sínteses estabelecidas pelos especialistas sobre este assunto, Diógenes Buenos Aires de Carvalho sinaliza que a motivação intrínseca principal seria a busca da identificação do leitor mediante o efeito da leitura literária da obra. Segundo Carvalho:

Na adaptação literária a figura do leitor apresenta-se mais determinante ainda para a realização do processo de criação, uma vez que a intenção é atingir um público com um perfil bastante delimitado e é essa representação que orienta a reescrita de uma obra. (CARVALHO, 2006, p.17)

Se a reescrita apontada por Carvalho motiva intrinsecamente a adaptação em quadrinhos, isto se dá provavelmente porque, apesar de não buscarem frequentemente a leitura das obras literárias clássicas, os estudantes **querem ler** as histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2004, p. 21). E quando se unem o desejo, a necessidade e a vontade, pode-se realmente trabalhar em um patamar diferenciado a proposta da leitura e a sua mediação, em diferentes ambientes sociais. Seja a mediação da leitura escolar, com intencionalidade didático-pedagógica, seja a mediação da leitura pública, com ênfase na formação de hábitos e gostos de leitores e dimensionamento de lazer cultural, ações e produções de bens culturais baseiam-se na formação do leitor.

Como motivação extrínseca, verifica-se que os especialistas brasileiros em literatura infanto-juvenil consideram a “adaptação” na condição de gênero, constitutivo da literatura infanto-juvenil (CARVALHO, 2011, p. 159). A justificativa desta constatação vem do fato de que a própria caracterização da literatura em seu segmento infanto-juvenil se dá por meio das adaptações literárias, segundo princípios desenvolvidos plenamente apenas no séc. XIX. É interessante salientar, contudo, que embora a adaptação seja um importante recurso de aproximação da leitura literária e criança de tenra idade, poucos são os estudos dedicados ao fenômeno e suas implicações na mediação de gostos e hábitos do leitor adulto. Ainda para Carvalho:

Ao se deixar à margem a adaptação literária como objeto de estudo, com certeza, estar-se-á marginalizando do ponto de vista histórico um dos eixos da história da literatura infantil; do ponto de vista teórico, o conhecimento de como se processa uma das formas de criação literária para crianças e jovens; e do ponto de vista crítico, deixar-se-á de avaliar essa produção que está inserida na formação de novos leitores e de verificar a sua validade. (CARVALHO, 2006, p.13)

Como forma de expressão literária, a adaptação sempre implicará na ressignificação de uma publicação inicial, designada a motivação da pouca experiência leitora ou pouca familiaridade com a natureza da obra que serve de texto-fonte, para a supressão, simplificação e tradução parcial para outra língua ou linguagem. Leonardo Arroyo (*apud* CARVALHO, 2006, p. 30), explica que “a adaptação, portanto, têm o papel de higienizar as obras, para que possam ser lidas pelos pequenos leitores”.

Acrescentando o elemento da atração afetiva da linguagem e da mídia das histórias em quadrinhos como elementos potencializadores do letramento na infância e adolescência, a adaptação em quadrinhos se torna um precioso recurso motivacional da formação do leitor e da apropriação da leitura literária. Mais além, a presença e consagração das histórias em quadrinhos entre as leituras escolares representa um toque de emoção e rebeldia em espaços sociais cuja formalidade excessiva pode levar a rejeição das práticas leitoras.

Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. [...] O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos. (BARI, VERGUEIRO, 2011, p.4)

Do ponto de vista da produção editorial da adaptação, a adaptação em quadrinhos de obras literárias clássicas é facilitada pela aceitação social em ambientes formais e informais, atendendo a demanda de recursos para dinamizar a leitura escolar, além da boa aceitação entre os pais e familiares deste tipo de publicação em diferentes espaços e situações da vida privada.

Além destas vantagens, é possível inferir que este tipo de obra, já contando previamente com um enredo consagrado, possa dar oportunidade ao quadrinhista ou equipe para aprofundar sua expressão artística e a recriação da obra, na segurança de que os experimentos, ousadias e licenças poéticas representarão menor estranhamento ou impacto social negativo na comercialização do produto editorial. Segundo Paula Mastroberti:

Longe de se constituir uma traição às origens, reescrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo devem torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e

emancipam a subjetividade leitora *para* o narrativo-literário e não *através* dele. (MASTROBERTI, 2011, p. 110)

Com a intenção de desenvolver estudos específicos sobre o caráter da adaptação literária quadrinhística e sua editoração atual no Brasil, este artigo expõe brevemente o resultado de pesquisa de campo voltada para a leitura crítica e análise do conjunto de obras publicadas, em coleção especificamente destinada à fomentar a leitura literária escolar e pública, entre crianças e jovens. A Coleção *Clássicos em HQ*, da Editora Peirópolis, foi observada no período de 2005 a 2014, estudada como caso de publicação agregador das características buscadas na observação de campo deste estudo.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, foram verificadas as histórias em quadrinhos como fonte de informação, gênero, linguagem, mídia, cuja leitura influencia diretamente o fenômeno da formação do leitor, da disponibilização da informação, do letramento e competência informacional, por meio da mediação de leitura, cujas bases no Brasil são dadas por estudos como os de Waldomiro Vergueiro. Muito embora advindas da Ciência da Informação e Ciência da Comunicação, parte das produções recentes de Vergueiro e seus discípulos, como Elydio dos Santos Neto (2011), buscam a formação de educadores com aplicabilidade em ambientes de intencionalidade educativa.

Na área abrangente da cultura e linguística, o estudo verificou a aplicação do conceito de “apropriação”, conforme descrito por Roger Chartier (1991, p. 80) como fenômeno que “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que produzem”. Desta forma, foram problematizados os usos, as interpretações e os sentidos verificados pela autora deste estudo na publicação das quadrinhizações produzidas para a Coleção *Clássicos em HQ*.

O critério de seleção da coleção analisada em detrimento de outros produtos editoriais se refere à frequente concretização de parcerias e obtenção de apoio de políticas públicas federais à sua publicação, o que denota o aval de especialistas do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura brasileiros aos produtos editoriais analisados.

Outro dos fatores de interesse é a atenção dada ao segmento acadêmico, na divulgação da coleção e busca de opiniões demarcadas para seu aprimoramento. Por exemplo, no ano de 2013, quando a maioria das editoras brasileiras já havia simplesmente aderido à catalogação de seus produtos em portais digitais online, a editoração de um luxuoso

catálogo em forma de livro, com o título *Clássicos em HQ*, chamou a atenção dos professores, pesquisadores, críticos literários e outros formadores de opinião, que o receberam pelo correio.

De forma muito cuidadosa, a publicação reúne textos de especialistas, testemunhos de quadrinhistas participantes e amostras de páginas selecionadas dos dez títulos publicados até a ocasião da edição. Segundo a editora responsável e organizadora do catálogo, Renata Farhat Borges:

[...] essa empreitada em que tantos se aventuraram juntos é conduzida por alguns princípios norteadores surgidos da experiência editorial. O primeiro deles é o de que os artistas que se aventuram nas traduções para quadrinhos são leitores apaixonados pela obra clássica escolhida para adaptar – ou recriar, ou traduzir, ou tudo isso junto. A ideia da coleção é apresentar ao público uma leitura possível da obra, e não, logicamente, a única – mas ela deve ser a leitura de um leitor sagaz. (BORGES, 2013, p. 5)

O que se pode inferir nas entrelinhas deste discurso editorial, felizmente, é a fuga de uma massificação de adaptações quadrinhísticas que se proliferaram no mercado editorial brasileiro, em busca dos incentivos fiscais e políticas de fomento governamental, sem o compromisso de cuidar das qualificações do trabalho resultante ou da sua identificação como obra de arte ou trabalho autoral do quadrinista. Assim esta não é uma coleção que cresce com rapidez, mas que agregou uma quantidade suficiente de álbuns para viabilizar o estudo.

LITERATURA DO SÉC. XIX E AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL

A primeira iniciativa de compilação dos contos de fadas e narrativas populares com tratamento literário ocorreu no séc. XVII, pelo trabalho pioneiro do escritor francês Charles Perrault. Posteriormente, no período de 1782 a 1789, os irmãos Grimm promoveram as adaptações pensando nos aspectos infantis da personalidade e aprendizagem dos leitores. Deste modo, interferiram nas narrativas coletadas, inserindo conteúdos moralizantes aos enredos originais, atenuando as situações de violência e edificando a “história com final feliz”, que é praticada até os nossos dias, tanto nas obras concebidas especialmente para crianças quanto no contínuo trabalho de adaptação literária. Desenvolveram então uma fórmula de

aproximação adequada ao público infanto-juvenil que então adquiriu uma dimensão mercadológica relevante. Segundo Giselle Kaminski Corso:

É de adaptações de textos clássicos e de contos de fadas que provém e se fortalece a literatura para jovens leitores. Compilados pelo francês Charles Perrault, no século XVII, adaptando-os de narrativas populares e revestindo-as de valores da burguesia, e pelos famosos alemães Jacob e Wilhelm, conhecidos irmãos Grimm, no século XIX, os contos de fadas não foram escritos especialmente para as crianças bem como não faziam parte da educação burguesa. (CORSO, 2012, p.1)

O escritor dinamarquês de grande relevância e também classificado na escola romântica do séc. XIX, Hans Christian Andersen, dedicar-se-ia a outra fórmula consagrada. Enveredando igualmente no caminho de adaptação proposto por Perrault, assim como na adequação proposta pelos irmãos Grimm, mas trabalhando a questão da violência e dos problemas sociais sob a ótica da infância, Andersen discute questões sociais e éticas tanto no material compilado da cultura popular quanto em sua própria produção de histórias para crianças. Entre 1835 e 1872, Andersen publicou continuamente obras voltadas para a infância e os direitos humanos, apontando confrontos sociais que permanecem insolúveis nos enredos.

O Brasil ingressa na prática das adaptações no final do séc. XIX, com um lapso de alguns anos em relação à produção literária europeia, pela imaturidade do mercado editorial brasileiro e da introdução tardia das escolas literárias, já que a editoração propriamente dita no Brasil foi legalizada e viabilizada após a fuga da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808. Este fato histórico reforçou a característica romântica de nossa literatura e a predominância, até os nossos dias, de uma produção literária espelhada na estética do Romance Romântico.

Ainda falando do Romantismo, escola literária que finalmente identificou o público leitor infanto-juvenil, também criou oportunidades para a editoração de obras mais complexas que os contos de fadas, lendas e apólogos. O primeiro romance especialmente editado para crianças foi *Cuore*, de Edmundo de Amicis, lançado na Itália em 1886. *Coração*, como é conhecido no Brasil, rapidamente foi traduzido e publicado pelas Edições Quaresma. Aprimorando a fórmula dos conteúdos edificantes e da “história com final feliz” dos irmãos Grimm, o romance de Amicis ainda conta com enredo dramático, mas bem dosado para

crianças pequenas. Então, uma vez que esta publicação teve estrondoso sucesso de mercado brasileiro e mundial:

Era muito forte, no Brasil desse período, o anseio de nacionalizar a produção literária para crianças e jovens, pois era marcante a influência de traduções e adaptações de autores portugueses; por isso, o editor Quaresma encomendou a Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) uma biblioteca destinada aos pequenos leitores. Assim, o jornalista, diplomata e escritor Pimentel e o professor do Colégio Pedro II, Carlos Jansen (1829-1889) são vistos como os primeiros tradutores/adaptadores de obras clássicas europeias. [...] É interessante notar que alguns títulos de Jansen foram prefaciados por figuras importantes do meio intelectual da época, como: Sílvio Romero, Machado de Assis e Rui Barbosa. (CORSO, 2012, p.2)

No final do século XIX, impulsionados por este emergente mercado editorial nacional, autores brasileiros do Romantismo e Realismo principiaram relevante produção de contos e romances infanto-juvenis inéditos. Ao mesmo tempo, as recentes preocupações “republicanas”, em tornar o Brasil um país atualizado do ponto de vista da erudição, influenciam as políticas públicas de leitura escolar e leitura pública, incentivando e motivando o aparecimento de inúmeras adaptações das chamadas obras clássicas. Como verificado por Corso:

No Brasil, desde o final do século XIX, havia preocupação de fazer com que os leitores tivessem acesso e, possivelmente, maior entusiasmo com a leitura de textos. Além disso, era possível perceber que o país carecia de uma literatura própria para leitores ainda em fase de escolarização, pois até então circulavam aqui, na sua maioria, traduções de livros europeus. Era necessário repensar essa questão e procurar alguma alternativa para fazer com que esses leitores ingressassem na leitura de clássicos por outra via que não apenas a da tradução do texto integral; daí uma das razões para que se viabilizasse o aparecimento das adaptações. (CORSO, 2012, p.1)

Acompanhando esta tendência, outra das características da produção literária e jornalística ocupa um espaço destacado: as narrativas sequenciais gráficas voltadas para a infância. Progressivamente, as histórias em quadrinhos e quadrinhizações ganharam o espaço editorial, com publicações como *O Tico-Tico*, primeira revista brasileira voltada para o público infanto-juvenil (VERGUEIRO, SANTOS, 2005). Publicada ininterruptamente no período de 1905 a 1962, é considerada pelos especialistas a publicação infantil mais longa das Américas. Como

política editorial mantida em todo o período de sua edição, contava com pelo menos uma adaptação literária em quadrinhos de duas páginas como seção regular da revista, abrindo uma vitrine de exposição para o público-alvo e seus familiares e antecipando o movimento consolidado por Monteiro Lobato nos anos 1930. Por meio desta política editorial:

[...] o leitor tomava contato com a produção de autores como Olavo Bilac, Humberto de Campos, Josué Montello, Osvaldo Orico, Leonor Posada, Juracy Camargo, Carlos Manhães, entre outros. [...] Alguns desses autores eram ou se tornaram membros da Academia Brasileira de Letras. (VERGUEIRO, SANTOS, 2005, p. 170)

Muito embora este movimento literário brasileiro tenha se consolidado nas primeiras três décadas do séc. XX, se refere ainda ao fenômeno literário ocidental do séc. XIX, refletindo-se na produção nacional das escolas literárias do Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Realismo e Pré-Modernismo. Neste interim, o amadurecimento das adaptações infantis na época do Modernismo brasileiro se dá por ação de um intelectual “de transição”, Monteiro Lobato, que agregou mais valores e aprimorou as adaptações no Brasil, à medida que compreendeu a importante questão da mediação de leitura na infância, por meio da observação de sua situação doméstica de pai de família:

A ideia de Lobato de dar início a uma literatura que “nos faltava”, pois o que havia de leitura disponível era de “uma pobreza e tão besta”, “moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis”, nasceu dentro de casa, ao observar a forma como seus filhos ouviam atentamente às histórias que a mãe, Purezinha, contava. A esposa de Lobato, naqueles tempos, fazia o papel que posteriormente seria feito e ficcionalizado em Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, a distinta narradora do Sítio. Então, era preciso que a leitura fluísse, que os códigos estéticos fossem renovados e que as narrativas fossem livres de enfeites literários. (CORSO, 2012, p.2)

Sob a influência de Monteiro Lobato e seus sucessores, a adaptação literária infantil amadureceu na questão da supressão de conteúdos complexos e da linguagem erudita, assim como de outros conteúdos que tornavam penosas as primeiras experiências leitoras da infância, com um grande desenvolvimento da ilustração, o que posteriormente influenciará a qualidade das ótimas quadrinhizações brasileiras.

Devido às políticas públicas implantadas pelo regime de governo republicano, que incentivaram a alfabetização como estratégia de desenvolvimento social no início do séc. XX,

podemos falar de adaptações literárias por meio da adaptação em quadrinhos no Brasil, sem necessariamente nos reportarmos ao público infante-juvenil, diferentemente do que ocorreu na origem desta estratégia de mediação de leitura literária no séc. XIX.

Na primeira década do séc. XXI, a editoração brasileira ampliou seus investimentos na adaptação por meio da utilização da linguagem das histórias em quadrinhos de obras literárias clássicas, também por conta das alterações promovidas nos processos seletivos, determinadas pela reestruturação do Ensino Superior (BRASIL, 2001), que sinalizou a substituição dos exames vestibulares por novas formas de verificação qualitativa de conhecimentos.

A partir do momento que o *Exame Nacional do Ensino Médio -- ENEM* (BRASIL, 1998) passou a representar o indicador da capacidade individual de ingresso no Ensino Superior, a capacidade de interpretação de texto e escrita foram enfatizadas entre os jovens e adultos, substituindo a importância da memorização e treinamento para reprodução de conhecimentos já consagrada como método de passagem nos exames padronizados.

COLEÇÃO CLÁSSICOS EM HQ: FUNÇÕES MEDIADORAS DE LEITURA

Por meio da observação de campo e dos juízos e conceitos inferidos pelas pesquisas teóricas apontadas como referencial, é possível inferir inicialmente que as adaptações literárias se consolidam como gênero no séc. XIX, dentro da teoria literária do Romantismo, segmentando a produção e o consumo da leitura literária para a criança ou o leitor adulto pouco experiente. No Brasil, os quadrinhos têm sido utilizados como recurso de adaptação literária com muito êxito, coincidindo com a aparição completa da semiologia de sua linguagem, datada pelos especialistas com o lançamento do personagem Yellow Kid na imprensa norte-americana, no ano de 1895. Segundo Márcia Mendonça:

A grande difusão da quadrinhização como recurso de textualização que, de certa forma, democratiza o acesso a certas informações, também é um fenômeno recente, que tomou impulso a partir da segunda metade do século XX. [...] As imagens, geralmente caricaturais, e a narrativa de ficção, característicos da maioria das HQs, seriam diferenciais que deixariam o “texto” mais leve e mais inteligível. A voz do senso comum já nos diz que vivemos a geração da imagem e, portanto, como já destacamos a presença

de outras semioses, que não exclusivamente a verbal, é uma opção cada vez mais comum, seja no domínio da ciência, da publicidade ou do jornalismo. (MENDONÇA, 2010, p. 27)

A Coleção *Clássicos em HQ* é composta por adaptações literárias em quadrinhos, de caráter autoral, apresentadas em forma de álbuns. Ou seja, não são produtos de equipes ou estúdios, mas de indivíduos ou grupos que preservam o estilo de traços e a independência na apropriação, recriação e ressignificação do texto-fonte, por meio da linguagem visual-verbal. A publicação também tem respeitado o tempo pessoal de produção, que depende da criação do esquema imagético e projeto editorial, como contribuição profissional do quadrinhista, além da arte e estética que vem da subjetividade individual do autor. Suas características editoriais podem ser verificadas na Tabela 1.

Tabela 1: Caracterização dos álbuns publicados na coleção *Clássicos em HQ*, no período 2005 a 2014.

CARACTERIZAÇÃO DOS ÁLBUNS PUBLICADOS NA COLEÇÃO <i>CLÁSSICOS EM HQ</i> PERÍODO 2005 A 2014					
Ano de publicação	Título da adaptação literária inédita	Classificação do texto-fonte	Escola Literária do texto-fonte	Publicação texto-fonte	Autor da quadrinhização ¹
2005	Dom Quixote em quadrinhos.	Novela	Classicismo	séc. XVII	Caco Galhardo
2006	Os Lusíadas em quadrinhos.	Epopéia poética	Classicismo	séc. XVI	Fido Nesti
2009	O Corvo em quadrinhos.	Conto poético	Romantismo	séc. XIX	Luciano Irrthum
2010	Demônios em quadrinhos.	Conto	Realismo naturalista	séc. XIX	Eloar Guazzelli
2010	Conto de Escola em quadrinhos.	Conto	Romantismo	séc. XIX	Silvino
2011	Auto da Barca do Inferno.	Comédia	Platonismo	séc. XVI	Laudo Ferreira
2011	A Divina Comédia em quadrinhos.	Epopéia poética	Classicismo	séc. XIV	Piero e Giuseppe Bagnariol
2012	Frankenstein em quadrinhos	Romance	Romantismo	séc. XIX	Taisa Borges
2012	I-Juca Pirama em quadrinhos.	Epopéia poética	Romantismo	séc. XIX	Silvino
2012	Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos.	Drama	Modernismo	séc. XX	Suzana Ventura e Eloar Gazzelli

¹ O termo quadrinhização é adotado por especialistas, como Márcia Mendonça e Edgar Franco, para designar a adaptação literária em quadrinhos. Por considera-lo adequado e sintético, igualmente o adotamos para uso na tabela.

2013	A mão e a luva em quadrinhos.	Romance	Romantismo	séc. XIX	Alex Mir e Alex Genaro
2013	Dom Quixote volume 2.	Novela	Renascimento	séc. XVII	Caco Galhardo
2013	A Odisseia de Homero em quadrinhos.	Epopéia poética	Antiguidade Arcaica	séc. VIII a.C.	Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Piero Bagnariol
2014	A Morte de Ivan Ilitch em quadrinhos.	Romance	Realismo Naturalista	séc. XIX	Caeto

Fonte: Elaborada por Valéria Aparecida Bari, em 2014, no estudo sobre a coleção *Clássicos em HQ*.

Mas, é claro que a editora também segue um consagrado modelo de negócios brasileiro, já que as coleções de adaptações são um produto editorial familiar desde o final do séc. XIX. Segundo Carvalho:

A análise demonstra que a adaptação é um bom negócio para as editoras, uma vez que esse processo de mediação é realizado de modo crescente, desde o século XIX, uma vez que há cada vez mais empresas interessas nesse filão editorial. A escola é o alvo principal dessa agência, pois o formato coleção é o mais usado para atrair essa receptora, conseqüente, os seus alunos. Além disso, essa mediação estabelece o perfil da adaptação e seus horizontes de expectativas. (CARVALHO, 2006, p.129-130)

Por esta razão, a regra editorial da Editora Peirópolis para esta coleção identifica o quadrinhista como “leitor apaixonado” pela obra quadrinhizada, viabilizando a produção da adaptação “apaixonante”, ou seja, um voto de confiança de que a seleção será de amostra excelente da obra literária clássica que se pretende representar, mediando seus conteúdos por meio da representação recriada. Paula Mastroberti, citando Carvalho, verifica que o conceito de adaptação literária se estabelece dentro de uma funcionalidade social de mediação dos conteúdos da obra literária ao leitor novato:

O conceito de adaptação proposto por Carvalho apresenta-se, portanto, dentro de uma funcionalidade prática sociocultural; o autor-adaptador estaria, através dos recursos de sua escrita própria, calibrando uma cultura escritural consagrada, porém inacessível à compreensão de uma tipologia de leitor ainda não plenamente operante dos signos da linguagem. (MASTROBERTI, 2011, p. 105)

Mesmo transparecendo a intenção de apresentar-se no mercado editorial como um bem cultural voltado para leitores mais experientes, a experiência da leitura da Coleção *Clássicos em HQ* também pode ser desfrutada por leitores em mais tenra idade. Na verdade, são álbuns que em seu conjunto agregam as propriedades universalizantes das obras clássicas que pretendem incorporar ao repertório do leitor brasileiro. Isto porque, voltando aos princípios da adaptação propugnados no séc. XIX por Andersen, a criança e o jovem adolescente também participam da vida em sociedade, precisam familiarizar-se e opinar sobre temas que lhes dizem respeito como seres humanos em coletividade.

Para análise da proporção de narrativas escolhidos para a composição da coleção, adotamos os indicadores e índices desenvolvidos por Carvalho em sua pesquisa *As Adaptações Literárias: um panorama (1882-2004)* (CARVALHO, 2006, p. 74 a 123). Justificando o recorte temporal, Carvalho verifica que:

O recorte temporal do levantamento abrange, preferencialmente, do século XIX ao século XXI. Não se ignorou a circulação, por ventura, de obras adaptadas em períodos anteriores, todavia é a partir do século XIX que há uma produção regular desse tipo de texto no Brasil. (CARVALHO, 2006, p. 75)

Além da classificação textual, Carvalho verifica que a maioria das adaptações brasileiras, se concentra em obras editadas no séc. XIX e atribui esta predominância ao potencial afetivo e descritivo da literatura romântica.

Mas, se Carvalho demonstra que a adaptação literária no Brasil é vocacionada e contempla predominantemente as obras produzidas no séc. XIX na Europa, e no Brasil até meados do séc. XX, também igualmente comenta um aspecto comercial: a predominância de obras em Domínio Público (CARVALHO, 2006, p. 92). Indicador que, observado na *Coleção Clássicos em HQ*, corresponde a 100% das obras adaptadas, o que demonstra uma editoração excessivamente cautelosa com relação aos custos, totalmente dentro da tradição editorial brasileira.

Tabela 2: Comparação entre o cenário brasileiro de editoração e a coleção *Clássicos em HQ*

QUADRO COMPARATIVO ENTRE CENÁRIO BRASILEIRO E A COLEÇÃO CLÁSSICOS EM HQ		
Editoração de adaptações no Brasil	Publicações brasileiras dos séc. XIX a XXI	Coleção <i>Clássicos em HQ</i>
Lenda	8,3%	0
Mito	0,34%	0
Epopéia	5,55%	28%

Apólogo	0,22%	0
Tragédia	5,21%	0
Comédia	6,12%	8%
Drama Romântico	0,56%	8%
Conto	16,79%	21%
Novela	8,3%	14%
Romance	47,6%	21%
Autores Brasileiros	11%	28%
Autores Estrangeiros	89%	72%

Fonte: Elaborada por Valéria Aparecida Bari, em 2014, utilizando os dados prospectados pela tese de Carvalho (2006) e a comparação com os dados prospectados no estudo da coleção *Clássicos em HQ*.

Após a caracterização, outros indicadores resultantes foram comparados com os levantados por Carvalho (2006, p. 94 e Apêndice IV), caracterizando a produção de adaptações no Brasil nos séculos XIX e XX. Assim, pudemos verificar se a editoração corresponde à praticada tradicionalmente no Brasil (conforme indicado na tabela 2) e discutir os critérios utilizados na coleção observada.

Estabelecendo a comparação entre os indicadores da tipologia textual preferencialmente adaptada no Brasil, foi possível verificar que a editoração da Coleção *Clássicos em HQ* abre mais espaço para as obras literárias brasileiras como texto-fonte, do que tradicionalmente tem ocorrido. Além disso, é preciso lembrar que todos os quadrinistas convidados para fazer as adaptações também são brasileiros. Neste caso, é claro que a prática editorial é elogiável e está abrindo espaço para a ampliação da produção literária nacional, uma vez que a adaptação quadrinhística tem igualmente caráter autoral.

Contudo, a insistência em veicular o termo “tradução”, ou “tradução imagética” como informação editorial, em capas e prefácios, têm diminuído o valor deste caráter autoral e coloca em risco seu reconhecimento ou premiação. Acreditamos que o termo “tradução” tem se apresentado editorialmente, nesta coleção, referindo-se ao processo de adaptação em quadrinhos do texto-fonte. Explicando melhor, a técnica da tradução pressupõe a correspondência fiel entre o texto-fonte e a sua reprodução em outra língua, então apresenta oposição à recriação e releitura. Enquanto isso, a quadrinhização implica na adaptação literária, que é um tipo de versão literária consagrado, aonde ocorre a releitura e recriação, com supressão de conteúdos e ressignificação, para uma matriz de linguagem visual-verbal, gerando um trabalho inédito em relação ao texto-fonte. Como explica Carvalho:

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por

consequente, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário. (CARVALHO, 2006, p. 49)

Como critério de análise da adaptação literária, que é efetivamente o conteúdo publicado nos álbuns da Coleção *Clássicos em HQ*, iniciaremos falando sobre o álbum inaugural, editado em 2005, *Dom Quixote em Quadrinhos* (GALHARDO, 2005). Como primeiro autor escolhido para contribuir com a coleção, temos o quadrinhista Caco Galhardo, um profissional que pode ser classificado entre a produção *mainstream* das histórias em quadrinhos brasileiras, apesar de sua característica de traço autoral e temática *underground*. Ou seja, sua contribuição permeia linguagens e mídias comerciais, com competência e competitividade comercial, mesmo sendo uma obra autoral. Galhardo produz regularmente para o *Jornal Folha de São Paulo*, tendo sido inclusive citado por José Saramago em sua obra literária (BORGES, 2013, p.36).

Como obra clássica, a escolha de *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes que, segundo Carvalho: *Da cultura espanhola, [...] é o único título [adaptado no Brasil], mas com uma circulação permanente no circuito editorial, pois são 25 (vinte e cinco) adaptações* (2006, p. 86). De modo que a política editorial da *Peirópolis* também transpareceu, nesta seleção inicial, que estava buscando um cenário muito seguro para iniciar a referida “empreitada”.

O resultado, apesar do inquestionável talento de Galhardo, é de uma publicação na qual a arte ficou em segundo plano, para dar espaço a um excessivo conteúdo textual. A leitura é prazerosa, mas não possibilita a plena complementação de imagem e texto, por conta deste desequilíbrio. O problema é que esta característica diminui as propriedades da semiologia quadrinhística e prejudica o próprio caráter da adaptação literária para a linguagem da história em quadrinhos.

Figura 3: Comparação evolutiva de adaptações em quadrinhos de Caco Galhardo



Fonte: Página de Dom Quixote em Quadrinhos (GALHARDO, 2005, p.15), comparada a página de Dom Quixote em Quadrinhos Volume 2 (GALHARDO, 2013, P. 35).

Com o passar dos anos, contudo, esta preocupação com a transcrição integral dos textos foi reduzida, o que melhorou extremamente a qualidade das publicações, permitindo inclusive que Galhardo voltasse a publicar com mais liberdade e qualidade (conforme verificável na figura 1), sete anos depois, *Dom Quixote em Quadrinhos Volume 2* (GALHARDO, 2013).

Outra propriedade analisada na Coleção Clássicos em HQ, que aparece em publicação de 2006, a adaptação em quadrinhos de *Os Lusíadas* (NESTI, 2006), é o recurso de adaptação por meio da contextualização da obra em seu local e época de concepção. Para uma leitura extremamente erudita, que inclusive codifica a Língua Portuguesa, o leitor novato sofre uma perda do enredo e de todos os pormenores de enredo, drama e aventuras descritas, pela necessidade pregressa da acumulação de um grande vocabulário e conhecimento histórico.

Ao humanizar Luís Vaz de Camões, e inseri-lo como apresentador e descritor do processo que oportunizou a sua obra, Fido Nesti cria um necessário vínculo identitário e estabelece um pacto entre autor e leitor, que irão juntos viver a aventura imaginada naquele passado, agora menos distante (conforme verificável na figura 2). A leitura da quadrinhização de *Os Lusíadas* (NESTI, 2006), além de trazer a experiência da leitura literária de um dos maiores clássicos da literatura mundial, também oportuniza ao leitor a convivência com o seu autor, Camões, personificado pelo recurso da adaptação literária nesta narrativa.

Figura 4: Apresentação do autor ao leitor novato em *Os Lusíadas*

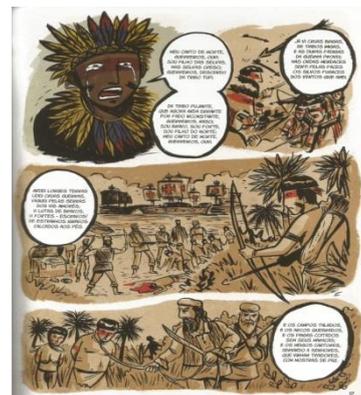


Fonte: Páginas 8 e 23 de Os Lusíadas em Quadrinhos (NESTI, 2006), ilustrando respectivamente o autor da obra literária, Luís de Camões, e a sua narrativa sobre *O Gigante Adamastor*.

Uma terceira e importante propriedade é a das vinhetas, que se constituem como recurso de passagem do tempo natural e psicológico, que muitas vezes não é claramente percebido pelo leitor novato na interpretação de um texto, seja ele literário ou didático. Por meio da adaptação em quadrinhos competente, é possível criar a sensação do passar do tempo, desenvolvendo no cérebro do leitor propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores.

Assim, além da mediação dos conteúdos da leitura literária, uma adaptação em quadrinhos bem elaborada pode aprimorar o próprio ato de ler. Desta forma, o ritmo da narrativa passa a ser impresso pelas vinhetas, que mostram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofunda a semantização do texto original (conforme verificável na figura 3). Esta propriedade é visível e torna muito mais emocionante a leitura de *I-Juca Pirama*, epopeia poética de Gonçalves Dias, quando quadrinhizada por Silvino (2012).

Figura 5: Tempo real e tempo psicológico em *I-Juca-Pirama*



Fonte: Distinção entre tempo real (SILVINO, 2012,p. 16) e psicológico (SILVINO, 2012, p. 17), por meio da utilização de recursos semiológicos dos quadrinhos.

A última propriedade analisada, mas não a menos importante, se refere aos conteúdos sub-reptícios que se inscrevem na obra literária inspiradora, mas são de difícil percepção ao leitor iniciante. Muito embora a universalidade da obra literária não tenha como imprescindível a transparência desses elementos, a sua clarificação traz um elemento de erudição à leitura e facilita ao leitor a identificação destes elementos em outras obras, concebidas em diversidade de período histórico, nacionalidade, naturalidade, época. Ao analisar a adaptação em quadrinhos da obra de Liev Tolstói *A Morte de Ivan Ilitch* (CAETO, 2014), é possível acompanhar a convalescência e morte de um abastado cidadão.

No lugar de sofrimento pelo trágico desfecho de sua vida, o agonizante Ivan e posteriormente seu cadáver são alvos de interesse, desprezo e indiferença, que se disfarçam em cerimônia, urbanismo e cortesia (figura 4).

Figura 6: Clarificação dos conteúdos por meio de metáforas visuais em *A Morte de Ivan Ilitch*



Fonte: Páginas contíguas descrevem o enterro de Ivan Ilitch, transparecendo a conveniência e a indiferença. (CAETO, 2014, p. 16 e 17)

No lugar de um hospital e de um velório, todas as narrativas ocorrem no interior de um lar. Ocultos na narrativa, os costumes excessivamente formais e pouco afetivos da vestimenta, dos relacionamentos, na crueza de vínculos familiares e sociais dados por conveniências foram clarificados pela quadrinhização, agregando significados à adaptação do romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difusão deficitária da leitura literária no Brasil é dada conjuntamente, pela falta de um mercado consumidor de bens culturais bibliográficos, assim como uma escassez de equipamentos públicos e equipes qualificadas, voltadas para a disseminação da leitura e a formação de leitores. Desta forma, deve-se considerar que as quadrinhizações facilitam a mediação da leitura literária, representam um bem cultural representativo, um recurso didático-pedagógico relevante e um fator de motivação potente para a formação de leitores.

Quanto à editoração das adaptações literárias em quadrinhos, verifica-se que estão em pleno florescimento no Brasil, aprimorando sua qualidade e suas características artísticas e autorais, que já tornam esta produção de bens culturais relevante internacionalmente. Porém, persiste a predominância de grande parte da produção de quadrinhizações referentes à literatura do séc. XIX, época do amadurecimento do próprio conceito de adaptação literária e também da criação do romance romântico.

Não resta dúvida que a adaptação em quadrinhos promove a mediação desta leitura literária e auxilia na compreensão e apropriação do texto-fonte gerado num protocolo linguístico do passado, muito mais formal e rebuscado do que a fala e escrita da atualidade, cuja distância contextual e temporal é resgatada, mediante a reconstrução da identidade linguística, como propriedade da recriação visual-verbal.

Então, para que a linguagem das histórias em quadrinhos amplie sua atuação mediadora, é necessário que a editoração invista na adaptação literária da produção Modernista e Pós-Modernista, acrescentando ao repertório do leitor brasileiro a experiência leitora que a ausência de equipamentos públicos e a fraca formação leitora brasileira lhe têm negado. Aos escritores da atualidade brasileira, também é preciso propiciar a oportunidade de ampliação de possibilidades de aproximação com o público, dando ao leitor em formação a chance de “se apaixonar” pela leitura literária que ainda não foi testada pelo tempo.

REFERÊNCIAS

BARI, Valéria Aparecida ; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção E Rebeldia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBB 2011. **Anais.** Maceió: UFAL, 2011. Disponível em:

Revista Nós | Cultura, Estética e Linguagens ♦ v.02 n.01 - 2017 ♦ ISSN 2448-1793

<<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>> Acesso em 10/07/2014.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores.** (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008.

BORGES, Renata Farhat. **Clássicos em HQ.** São Paulo: Peirópolis, 2013.

BRAGA, José Luiz ; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e Educação.** São Paulo: Haker, 2001.

BRASIL, Congresso Nacional. **Ensino Superior no Brasil.** (Decreto nº 3860/2001). Brasília: Casa Civil, 2001. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/superior-condicoesdeensino-legislacao_normas> Acesso em 16/06/2014.

BRASIL, Congresso Nacional. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).** (Decreto nº 438/1998). Brasília: Casa Civil, 1998. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0178-0181_c.pdf>. Acesso em 16/06/2014.

CAETO. **A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2014. (Clássicos em HQ)

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóé no Brasil.** (Tese de Doutorado em Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. Quando se adapta uma obra literária para crianças e jovens, que gênero textual é adaptado? **Revista Conjectura.** Caxias do Sul, v. 16, n. 2, maio/ago. 2011. p. 156-168.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados da USP.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados IEA/USP, v.5, no. 11, jan/abr, 1991. p. 80.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros. Brasília: Editora da UNB, 2001.

CORSO, Gisele Kaminski. Adaptações literárias para jovens leitores. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.** São Paulo: Laboratório de Jornalismo da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (LABJOR/SBPC), 10 de julho de 2012. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=80&id=982>>. Acesso em 10/03/2014.

NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2006. (Clássicos em HQ)

GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2005. (Clássicos em HQ)

GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos volume 2.** São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ)

SANTOS Neto, Elydio dos (org.) ; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2011.

SILVINO, Laerte. **I-Juca Pirama em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. **Revista Semioses.** Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. de 2011. p.104-112.

MENDONÇA, Márcia. Do entorno ao interior da cartilha quadrinhizada: funções sociais e letramento. In: **Ciência em Quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas.** Recife: Bargaço, 2010. (Coleção Teses)

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (org.) ; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro ; SANTOS, Roberto Elísio dos. **O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil.** São Paulo, Ópera Gráfica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.) ; SANTOS, Roberto Elísio dos (org). **A história em quadrinhos no Brasil.** São Paulo: Laços, 2011.